

ASSÉDIO MORAL E SEXUAL: OS DESAFIOS ENFRENTADOS PELAS MULHERES EM UMA UNIVERSIDADE AO SUL DO BRASIL

DULCINÉIA ESTEVES SANTOS¹; LORENA ALMEIDA GILL²

¹Universidade Federal de Pelotas – santosedumedvet@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – lorenaalmeidagill@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

No Brasil a violência contra as mulheres é tão recorrente que se fez necessário, entre outras, a criação da Lei Nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, conhecida como Lei Maria da Penha, no intuito de coibir a violência doméstica, eliminar as formas de discriminação contra as mulheres, punir e erradicar a violência contra as mulheres, dentre outras questões (BRASIL, 2006).

Maria da Penha Maia Fernandes é uma farmacêutica, nascida em Fortaleza, Ceará, que lutou muito para ver seu agressor condenado. Seu marido à época, Marco Antonio Heredia Viveros, um professor universitário colombiano, tentou matá-la duas vezes e, tendo em vista as agressões, ela ficou paraplégica.

É preciso compreender a violência de gênero como expressão do patriarcado, em que a mulher é vista como sujeito social subalterno. Já a violência contra as mulheres é vista como resultado de uma ideologia de dominação masculina, que é produzida e reproduzida tanto por homens como por mulheres, uma vez que se constrói culturalmente (SANTOS; PASINATO, 2005).

Costuma-se dizer que a discussão sobre assédio moral é nova. No entanto, o fenômeno é bastante antigo, embora não houvesse um nome para aquilo que todas as mulheres já tivessem enfrentado. Trata-se, muitas vezes, de um sofrimento invisível no trabalho e na vida, que eleva o sujeito a uma fraqueza psicológica, tendo em vista a conduta abusiva em relação à pessoa. O assédio moral é entendido pela intenção em desqualificar e até mesmo enfraquecer, do ponto de vista psicológico, a vítima. Já o assédio sexual é qualquer tipo de constrangimento, sob vários aspectos, na tentativa de obter vantagens sexuais com a vítima (HELOANI, 2005).

É importante ressaltar que o assédio moral é caracterizado por comunicação hostil (vertical descendente ou ascendente), sem ética, através de práticas repetidas, de forma deliberada ou inconsciente, que causam humilhação, de modo sistemático deixando a vítima desamparada e indefesa. Há também o assédio horizontal proveniente por parte de colegas (NUNES; TOLFO, 2015).

O Instituto Patrícia Galvão, através do denominado projeto Locomotiva, realizou uma pesquisa na qual entrevistou 1000 mulheres em outubro de 2020. O estudo apontou que além de maior sobrecarga de trabalho doméstico, as mulheres são mais vítimas de assédio no trabalho, já que 92% das entrevistadas revelaram ter sofrido assédio no ambiente laboral. Relatos de humilhações foram os mais associados ao assédio moral. E houve vários casos de narrativas sobre assédio sexual, a partir de cantadas e abordagens com intenção sexual (INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO, 2020).

Paralela ao assédio, a desigualdade de homens e mulheres no mercado de trabalho ainda é voraz, e torna o ambiente mais hostil à presença feminina, com isso há maior possibilidade de assédio moral dirigido às trabalhadoras e, em muitos casos, estes passam de assédio moral a assédio sexual e quando iniciados como assédio sexual e há negativa da vítima, o agressor investe, algumas vezes, em frases que denotam assédio moral (SIMÕES; MELO, 2016).

Segundo Nunes e Tolfo (2015), o assédio no ambiente acadêmico, como o de uma universidade, lugar que deveria promover educação e cidadania, é no mínimo incabível e incoerente.

O objetivo deste resumo, portanto, é apresentar, especialmente, narrativas de mulheres que vivenciaram situações de assédio, morais ou sexuais, na Universidade Federal de Pelotas (UFPeL).

2. METODOLOGIA

O presente trabalho apresenta um recorte da pesquisa sobre assédio moral e sexual na UFPeL, conforme já dito. Trata-se de uma pesquisa quali-quantitativa que foi idealizada e executada pela equipe do Programa de Educação Tutorial - Diversidade e Tolerância (PET-DT), iniciada em 2019, a qual contou com 572 respostas da primeira fase, através de um formulário do *Google*, que foi disponibilizado nas redes sociais do PET DT. Atualmente, há outro formulário de segunda fase da pesquisa, lançado nas redes, no mês de junho de 2021. Os dados foram tabulados através do Excel e as narrativas foram exploradas com anonimato. O objetivo da pesquisa foi obter informações na pretensão de construir informações sobre a existência de assédio moral e sexual, a partir de repostas de discentes de graduação e pós-graduação, egressas/os, docentes, técnicas/os administrativa/os, trabalhadora/es públicos e terceirizada/os. Para esta comunicação, serão avaliadas apenas as repostas das mulheres que contribuiram para a pesquisa, uma vez que este público apresenta um número mais expressivo de repostas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa obteve 424 respostas de mulheres, de um total de 572 respostas, o que representou 74,12% do total de respondentes. Destas, 55,89% tinham idades entre 17 e 26 anos, o que, muito provavelmente, justifica a maior porcentagem ser de mulheres graduandas, pois este número representa mais da metade das respondentes. O restante estava assim representado, em números: mulheres com 28 a 37 anos representam 19,34%; com idade de 38 a 47 anos, 11,80%; de 48 a 57 representam 7,78%; apenas 1,89% acima de 58 anos e somente 3,30% não disseram a idade.

Já na representação da categoria, as respondentes da graduação foram 61,32%; da pós-graduação 10,86%; egressas 10,38%; docentes 8,25%; técnicas administrativas 6,60%; servidoras 1,65%; terceirizadas 0,71% e trabalhadoras públicas 0,23%. Ainda, a maioria das respondentes eram brancas.

Durante a análise das repostas percebe-se que foram vários os tipos de assédios sofridos por elas. Ao responderem à questão se já presenciaram assédio moral, uma respondente aponta uma situação narrando a fala de um professor: "não vou nem passar esse conteúdo porque não acredito que vocês sejam capazes de entender nem o básico" (narrativa 1). Este é um exemplo de assédio moral, no qual o professor constrange a turma. E ainda, outra passagem na qual há assédio moral descendente: "Professor pressiona as alunas mulheres para responder as questões em aula e faz piadas machistas, racistas e homofóbicas em aula" (Narrativa 2). Para esse mesmo contexto, outro exemplo "Um professor falar para os alunos tirarem dúvidas com outro aluno por esse estar repetindo a cadeira" (Narrativa 3).

A próxima narrativa evidencia assédio sexual descendente: “Professor dando abraço apertado e demorado demais, cheirando pescoço sem consentimento” (Narrativa 4).

Ademais, neste caso, um exemplo de sexismo fica bastante explicitado: “Professor da Medicina dizendo em aula que as mulheres são menos inteligentes porque têm filhos; que as loiras são burras e assemelhar isso a uma inflamação do cérebro; chamar negros de mulatos dizendo que eles são burros [...]” (Narrativa 5).

Ao se avaliar se haveria caso de assédio horizontal na Universidade, uma respondente traz uma fala clássica, que certamente toda mulher já vivenciou: “Colega afirmando que apenas não concordei com sua perspectiva porque devia estar de TPM” (Narrativa 6). Outro caso de assédio sexual horizontal pode ser abordado, através da seguinte fala: “Um ‘colega’ do curso já mandou mensagem com conteúdo pornográfico de madrugada, depois fez comentários maldosos” (Narrativa 7).

Sobre assédio sexual descendente, com hierarquia nota-se aqui, ou seja, uma situação em que o docente abusa do poder do lugar que ocupa: “Quando discordei do professor, ele veio na minha direção, fez piada e me deu um beijo na cabeça contra minha vontade. Fui oprimida demais e não consegui me impor contra” (Narrativa 8). Nessa mesma perspectiva, há a evidência que o assédio teve na vida da discente, quando ela assim diz: “Um professor de [...] ficou o semestre todo fazendo piadinhas de cunho sexual e elogios desnecessários ao ponto de fazer eu desistir do curso” (Narrativa 9). Ou ainda: “Fui assediada moralmente por professor de projeto durante a graduação em arquitetura e urbanismo. Cursei três semestres e desisti da UFPel, devido a essa perseguição do professor” (Narrativa 10).

No que diz respeito ao assédio sexual com discente da pós-graduação há a seguinte narrativa: “Uma colega teve sua blusa levantada e o professor passou a mão na bunda” (Narrativa 11). Nesse sentido ainda, uma aluna egressa assim diz: “Professor falando que eu deveria estar em casa cuidando da minha filha e não na sala de aula” (Narrativa 12).

Mas não são só alunas que sofrem assédio. Há, por exemplo, uma narrativa interessante de uma servidora técnica administrativa, que assim disse: “Fui assediada pela minha chefia em relação ao conhecimento e capacidade de ensinar quando sempre estive qualificada a isso. O fez em frente a alunos, colegas e funcionários.” (Narrativa 13). Sobre assédio moral horizontal, uma trabalhadora pública assim diz: “Colegas da sala de mesma área que foram embora do hospital e que sofreram assédio direto e cruel por essa profissional [...] chegam a ter crise de pânico por causa dessa colega” (Narrativa 14).

Por fim, há uma resposta, a qual aponta a prática de assédio moral ascendente de um aluno para com uma docente: “Um aluno do sexo masculino desqualificando uma professora dizendo que ela não deveria estar ocupando tal posição” (Narrativa 15).

Todas estas narrativas aqui apresentadas, de diferentes composições do tecido social feminino da UFPel, apontam a presença de assédio moral e sexual que tem sido recorrente e traz consequências graves às vidas dessas pessoas. Essa situação aponta necessidade de publicização do fato, para que a instituição possa trabalhar na perspectiva de mudança dessa situação de violência, em um lugar que deveria primar pela diversidade, tolerância e respeito.

A libertação da mulher, dentre outras questões, depende de sua conscientização enquanto sujeito autônomo e independente do homem, o que será alcançado através de práticas educativas, numa perspectiva de construção de autonomia (SANTOS; PASINATO, 2005). Nesse sentido, cabe ressaltar a importância da realização da denúncia de quando se é vítima de assédio, não

importa de qual natureza, uma vez que a formalização da denúncia gera estatística e, sobretudo, explicita o problema a fim de se exigir soluções.

4. CONCLUSÕES

A partir das observações dos dados obtidos e discussão com a literatura, torna-se explícito como tanto o assédio moral, quanto sexual estão presentes na vida das mulheres em muitos lugares, inclusive nas Universidades. Procuramos neste resumo apresentar, sobretudo, a violência de assédio vivenciado por mulheres no meio acadêmico, apontando os dados e narrativas que a referida violência pode causar às vítimas, uma vez que podem provocar danos marcantes, os quais podem, inclusive, levar ao abandono do curso, como demonstrado nas narrativas.

Diante do exposto, nota-se que, muito embora o assédio moral e sexual faça parte do cotidiano das mulheres, a literatura aponta que somente uma pequena parcela das vítimas realiza denúncias ou pede ajuda. Tal fato pode ser comprovado, por exemplo, pelas poucas denúncias existentes na Ouvidoria da UFPel sobre a temática.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, **Constituição Federal de 1988**, BRASIL. Lei nº. de 7 de agosto de 2006 (Lei Maria da Penha). Acessado em 19 jul. 2021. Online. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm

HELOANI, Roberto. Assédio moral: a dignidade violada. **Aletheia [en linea]**. 2005, (22), 101-107 Universidade Luterana do Brasil Canoas, Brasil. Acessado em 18 de jul. 2021. Online. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115013470010>

NUNES, Thiago Soares; TOLFO, Suzana da Rosa. O assédio moral no contexto universitário: uma discussão necessária. **Revista de ciências da Administração**. v. 17, n. 41, p. 21-36, abri, 2015. Florianópolis, SC. Brasil. Relatório de pesquisa qualitativa. Percepções sobre a violência e o assédio contra mulheres no trabalho. **Locomotiva (pesquisa estratégica)**, Instituto Patrícia Galvão (2020). Acessado em 18 de jul. 2021. Online. Disponível em: https://assets-institucional-ipg.sfo2.cdn.digitaloceanspaces.com/2021/06/LOCOMOTIVAIPG_PesquisaViolenciaeAssediocontraMulheresnoTrabalhoVF.pdf

SANTOS, C. M; PASINATO, W. Violência contra as Mulheres e Violência de Gênero: Notas sobre Estudos Feministas no Brasil. **Estudios Interdisciplinários de America Latina y El Caribe**, v.16, nº 1, p.147-164, 2005. Universidade de Tel Aviv. Israel.

SIMÕES, Anna Paula Arrieira; DE MELO, Kauana Adriele. A Discriminação de gênero no ambiente de trabalho: particularidades e efeitos no assédio moral contra as mulheres. In: **XIII SEMINÁRIO INTERNACIONAL DEMANDAS SOCIAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA & IX MOSTRA INTERNACIONAL DE TRABALHOS CIENTÍFICOS**, Santa Cruz do Sul, 2016. IX Mostra Internacional de Trabalhos Científicos. Santa Cruz do Sul. ISSN 2358-3010.